

Aspirações de modernidade, sonhos de cosmopolitismo

Aspirations of modernity, dreams of cosmopolitanism

Patrícia Vargas Lopes de Araujo¹

RESUMO: Este artigo tem por finalidade fazer uma reflexão sobre os festejos de Carnaval ocorridos em Minas Gerais no século XIX. A discussão procura evidenciar os embates travados pela sociedade brasileira e a mineira, em particular, quanto ao estabelecimento dessa nova forma de comemorar os três dias anteriores ao início da Quaresma, em substituição ao Entrudo, festejo carnavalesco de grande popularidade no Brasil desde a época colonial.

ABSTRACT: This article aims to reflect upon the Carnival celebrations held in Minas Gerais in the 19th century. The discussion searches for evidencing the shocks taken by the Brazilian society and the miner one, and, in particular, related to the establishment of this new way of celebrating the three days before the beginning of the Quaresm, in substitution to the Shrovetide, carnival celebration of great popularity in Brazil since the colonial age.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval. Entrudo. Minas Gerais.

KEYWORDS: Carnival. Shrovetide. Minas Gerais.

I. FESTEJOS CARNAVALESÇOS NO SÉCULO XIX

Em 1847, quando Martins Pena escrevia seu folhetim “Os bailes mascarados”, completava um ano o estrondoso sucesso alcançado pelo “carnaval veneziano de máscaras” oferecido à população do Rio de Janeiro no Teatro de São Januário. Empreendimento bem sucedido tanto quanto ao público, quanto, especialmente, ao lucro. Tal satisfatório exemplo impulsionou a imitação e o enfraquecimento dos obstáculos no que diz respeito à promoção destes eventos, de modo que os teatros de São Pedro, de São Francisco e o Tivoly, desejosos de compartilharem dos lucros, não pouparam esforços em também oferecer bailes à Corte nos anos de 1846 e 1847 (MARTINS PENA, 1965, p. 143).

Coube à Sr.^a Clara Delmastro este papel. Mulher “de bom gosto, de gênio

¹ Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa, coordenadora do Arquivo Central e Histórico da UFV. Email: patricia.lopes@ufv.br

folgazão”², seja por lembranças da Europa ou por “cálculo e coragem”, acreditou que os bailes mascarados nos teatros poderiam lhe trazer lucros e, “sem temer os obstáculos e o perigo das inovações” (MARTINS PENA, 1965, p. 143), os organizou em 1846, inaugurando, desta maneira, uma outra maneira de se divertir durante os três dias de folia que antecediam o período da quaresma, que seria chamado pelos cronistas e contemporâneos de “Carnaval Veneziano”³.

Cinco anos após a introdução dos bailes mascarados no Brasil, o correspondente do jornal *O Conciliador* no Rio de Janeiro concluía que o “entrudo de nossos avós, o poético e mimoso limão de cheiro foi destronado por sentença da faculdade que o declarou contrário à saúde pública” e também pelo “Carnaval da Itália e da França”. Sugere o correspondente deste periódico que, para “obsequiar e dar lucro à estalajadeira — cantora italiana Delmastro”, e sob a proteção do “ex-chefe de polícia”, este novo festejo foi “se empatronizando”. E não parecia nada surpreendente o sucesso alcançado pelos bailes mascarados no Rio de Janeiro. Já que, afirmava ele, “fácil é conceber que a importação de um costume estrangeiro havia de ser aplaudida” em uma cidade cujo número de indivíduos de outras nacionalidades era bastante expressivo⁴.

A influência estrangeira no Brasil foi sempre uma presença destacada, mas, a partir da abertura dos portos em 1808 e a instalação da Corte portuguesa, tendeu a crescer continuamente, ampliando-se e fortalecendo-se durante todo o Oitocentos. A cidade do Rio de Janeiro será particularmente grande receptora e difusora destas influências, devido à sua importante posição como centro político, econômico e cultural do Império. O estabelecimento de um mercado de hábitos de consumo relativamente europeizados no Rio de Janeiro constituía um “meio caminho andado” na distribuição destes novos costumes para o restante do Império, ainda que estes pudessem ser alterados, incorporados completamente ou em parte.

Buscando desfrutar da chamada “vida moderna” e de sua euforia, o Brasil importava, incorporava e absorvia uma grande variedade de produtos e processos⁵, tanto de ordem material quanto cultural. A modernização e uma aspiração civilizadora tornar-se-iam os princípios organizadores de intervenções na vida social e cultural.

O século XIX foi um período marcado por rápidas e intensas transformações que, partindo da Europa, se espalharam por boa parte do mundo. Mudanças em todas as esferas da experiência social provocavam modificações e afetavam, em graus e formas

2 CORRÊA, Viriato. O 1.º baile de máscaras que houve no Rio de Janeiro (apud MORAIS, 1958, p. 31).

3 Há algumas divergências com relação à data do primeiro baile carnavalesco ocorrido no Rio de Janeiro. Vivaldo Coaracy (1988, p. 132) indica o ano de 1835 como o primeiro a realizar bailes mascarados. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*, p.132. Outro autor, Adolfo Morales de los Rios Filho (1946, p. 330-331) registra 1834 como o ano em que foram utilizadas pela primeira vez as máscaras europeias e 1846, os bailes públicos, p.330-331, 1946. Para Eneida de Moraes (1958, p. 51), ocorreu em 20 de Janeiro de 1840 no Hotel Itália. Para Rachel T. Valença (1996, p. 19), teria ocorrido neste mesmo local, situado no Largo do Rossio (atual Praça Tiradentes), porém em 1835.

4 *O Conciliador*. Ouro Preto, n. 191, ano 3, segunda-feira, 21 mar 1851, p.1.

5 A respeito do impacto das mudanças na vida social e cultural brasileira, particularmente a partir de 1870 ver: SEVCENKO (1997).

variadas, diversas áreas da vida humana. Acompanhar o fluxo do progresso neste momento significava adequar-se aos padrões da cultura e ao ritmo da economia europeia, assim como se aproximar das formas de modernidade ditada pelos países da Europa Ocidental.

O século XIX foi profundamente marcado pelas concepções de modernidade, modernização, moderno, vida moderna. Estas noções parecem, à primeira vista, constituir a fisionomia e a identidade deste período. Genericamente, a modernidade tende a ser percebida a partir de duas visões: uma mais “intelectual”, em que vigoraria uma espécie de puro espírito, desenvolvido em função de imperativos artísticos e intelectuais, dando forma à modernidade. A outra percepção recairia sobre um aspecto mais material, a modernização, caracterizada por ser um complexo de estruturas e processos materiais que, uma vez desencadeados, desenvolver-se-iam de maneira autônoma, independentemente da modernidade (BERMAN, 1986).

A noção de modernidade/modernização estabelece relação com uma outra concepção, a de progresso. A ideia de progresso sustenta-se, sobretudo, no impacto do desenvolvimento material sobre a vida das pessoas. Existiu, durante o século XIX, uma apologia do progresso e dos benefícios advindos dele para os indivíduos e a sociedade de uma forma geral.

No Brasil, a Europa será o centro irradiador dos padrões de modernidade e civilidade a serem seguidos. As mudanças de ordem material e as metamorfoses de cunho cultural definir-se-ão como um empreendimento necessário ao bom desenvolvimento deste projeto modernizador/civilizador idealizado pelas elites políticas e intelectuais brasileiras.

Novos equipamentos “invadiram” o cotidiano brasileiro, alterando radicalmente o modo de vida de boa parte da sociedade, provocando mudanças no consumo e nos costumes. Neste sentido, é ilustrativa a moda do papel pintado utilizado no interior das moradias brasileiras, somente possível pelos progressos técnicos alcançados pelas gráficas europeias e americanas. Da mesma forma, o uso de gelo, trazido “diretamente do inverno nova-iorquino para o verão carioca” a partir de 1837.

O aparecimento de sorveterias no Rio de Janeiro, “que vendiam raspadinha de diversos sabores”, reconforta “o desejo de cosmopolitismo da corte” (ALENCASTRO, 1997, p. 48). A inauguração de uma linha regular de “paquetes” entre o Rio de Janeiro e Liverpool, na Inglaterra, a partir de 1850, permitiu ao Império brasileiro, especialmente à sua elite e aos intelectuais, sincronizar-se com o “tempo da modernidade europeia” (ALENCASTRO, 1997, p. 38). Multiplicar-se-iam os exemplos das inovações e produtos tecnológicos incorporados ao cotidiano da sociedade brasileira ao longo do século XIX, que atestavam o desejo de acompanhar os influxos promovidos pelo progresso técnico, difundidos a partir da Europa e do qual os brasileiros se apropriavam.

Dessa forma, atentos ao progresso científico-tecnológico e de olho na Europa, a elite brasileira acalentava o desejo de ver e fazer o Brasil despertar do que considerava como “morrinha colonial” e aperceber-se da “visão civilizadora de pátrias adiantadas e progressistas” (EDMUNDO, 1957, p. 53). Os discursos proferidos e o movimento de mudança evidenciavam questões colocadas pela emergência do

mundo moderno, desejoso de romper com o passado e com vontade ingressar em um mundo civilizado. Propagava-se um discurso cuja apologia do “novo” enunciava um projeto sustentado pelo trinômio: modernizar, civilizar e progredir.

Assim, torna-se importante investigar também a maneira como as pessoas elaboravam, construíam, adaptavam, digeriam e transformavam, a partir de suas experiências concretas, todo fluxo de mudanças ocorridas no século XIX. As mudanças ocorridas não se restringiam ou se confinavam ao desenvolvimento tecnológico ou à sua incorporação ao cotidiano das pessoas. Outra mudança, mais sutil e invisível, transformava o comportamento, impulsionava a criação de novas práticas culturais, a adoção de novos costumes. E é este universo, heterogêneo e móvel, que revela, traduz, informa sobre uma sociedade e sua gente.

Desse conjunto mais amplo de transformações, torna-se importante pensar, em particular, as mudanças ocorridas nos festejos carnavalescos e em que medida elementos emersos do mundo social perpassavam a festa. Um ponto importante a ser ressaltado será a convicção das elites de que o festejo expunha uma imagem, de forma a ser vital cultivar na e pela sociedade brasileira a vontade de criar outra festa carnavalesca “em tudo diferente dos jogos de Entrudo; desde a origem que lhe era atribuída, herança dos antigos colonizadores, até a forma de exibição e de participação de vários sujeitos sociais” (ARAÚJO, 1997, p. 204).

Nesse sentido, cabe indagar qual seria, no conjunto das mudanças ao longo do século XIX, o impacto destas transformações sobre os festejos carnavalescos e, particularmente, qual o significado e quais as metamorfoses acontecidas no próprio âmbito do festejo. Permanecer brincando e divertindo-se com o Entrudo significava estar em descompasso com as mudanças ocorridas em outras esferas. Da mesma forma, indicava um desejo de rompimento com a cultura lusitana, com a constituição de uma sociedade e cultura brasileiras pautadas por novos modelos inspiradores. Torna-se importante examinar a maneira pela qual a sociedade brasileira se apropriou deste outro festejo e o difundiu. Apesar do tom entusiasmado e homogeneizador que o Carnaval, em certo sentido, procurou impor, é preciso indagar acerca das dificuldades enfrentadas na “implantação” do festejo. Verificar o modo como “disputava” com o Entrudo o seu lugar no mundo social e cultural brasileiro, e, particularmente, o mineiro.

O Entrudo foi a primeira manifestação carnavalesca no Brasil. Caracterizava-se por ser um conjunto de folguedos nos quais predominavam os divertimentos com água, embora também envolvesse outras brincadeiras. No Dicionário da língua portuguesa, publicado por Antônio de Moraes Silva em 1813, Entrudo “são os três dias imediatamente precedentes à Quaresma, nos quais é uso entre nós divertir-se o povo com molhar, empoar, fazer peças, e outras brincadeiras e banquetear-se...” (p. 348).

No século XIX foram incorporados à brincadeira os limões de cheiro⁶,

⁶ Os limões de cheiro eram pequenas esferas de cera, cujo formato lembravam as frutas das quais receberam o nome, ou seja, limões e laranjas. Essas esferas de cera eram cheias de água, água perfumada ou perfume.

considerados uma forma mais refinada de se jogar. Contudo, o refinamento terminava quando “esgotada a provisão de limões”⁷, o festejo transformava-se em verdadeiros combates de água. Para José Rangel, um memorialista, “ainda não havia, então, nem bisnagas e lança-perfumes, nem serpentinas e confetes; o único recurso era mesmo a água utilizada de qualquer forma”. Para as molhadelas e banhos, “vinham o esguicho de bambu ou metal, o balde, o regador, a bacia, o jarro, a torneira e até o tanque para imersão dos rebeldes ou vencidos na peleja” (RANGEL, s/d, p. 106).

Duas questões parecem importantes neste movimento. Por um lado, desvendar os confrontos e as tensões envolvendo Entrudo e Carnaval, as marchas e contramarchas dos novos festejos carnavalescos na segunda metade do século XIX, momento de franca campanha por parte de segmentos da sociedade. Por outro lado, investigar o descompasso entre o Carnaval idealizado e a maneira pela qual, uma vez disseminada pela sociedade, as pessoas atribuíam outros significados ao festejo. Enfim, procurar desvendar o modo pelo qual outros segmentos da sociedade “consumiam” e “subvertiam” uma cultura [um festejo] difundida pela elite, sem rejeitá-la diretamente ou modificando-a em parte, mas, ainda assim, transformando-a em outra pelo modo de usá-la para outros fins e com outras referências, que não se coadunam com o novo sistema cultural propagado⁸.

2. ENTRE O BAILE DE MÁSCARAS E O MIMOSO LIMÃO DE CHEIRO

O movimento de “substituição” do Entrudo pelo Carnaval, este último considerado modelo e padrão de uma nova festa, deixa vislumbrar as mudanças pelas quais passava a própria sociedade brasileira, e mineira, em particular, da mesma forma que suas ambiguidades e contradições. Sensações de moderno/antigo, novo/velho, mudança/permanência, imitação/inação, engolfam os indivíduos e permeiam as experiências sociais de formas e graus variados.

As metamorfoses sociais e culturais articulavam diferentes discursos em torno da questão da civilização, do progresso da sociedade e da construção da Nação. No tocante à festa, procuravam construí-la retirando ou negando tudo que fosse considerado impróprio ou incivilizado. Em nome de uma sociedade refinada, organizada, moderna, “as pessoas de bom tom” deveriam adotar os novos padrões de conduta e ação tanto para se divertir como também para o mundo social.

Idealizado como um festejo “civilizado e civilizador”, chamado por cronistas e jornalistas da época de “Carnaval Veneziano”, tendo como paradigma os festejos realizados na Europa, particularmente em Roma e Veneza, e depois Paris, os dias dedicados aos folguedos serão continuamente alimentados por uma imagem de sofisticação e luxo, à qual se justapõe um imaginário social guiado pelas noções

7 *Folhetim*. Renascença. São João D’el Rei, n. 7, ano 1, 15 fev 1890, pp.2-3

8 O estudo de CERTEAU, Michel de (1999) é particularmente importante para se procurar compreender a maneira como os indivíduos, como consumidores e praticantes de uma determinada produção cultural, utilizam inúmeras e infinitas formas de manipulação e reapropriação dessa cultura, seguindo seus próprios interesses, regras e referências.

de progresso material e de civilização e modernidade.

A introdução dos bailes mascarados, em meados da década de quarenta do século XIX, influenciados e organizados por italianos que viviam no Rio de Janeiro, inaugura outra forma de divertimento e incorpora à cultura brasileira personagens da “*commedia dell’arte*” italiana, como Pierrot, Colombina, Arlequim, figuras estranhas à cultura portuguesa e afro-brasileira e que não faziam parte do repertório de diversão dos jogos de Entrudo.

O tom de novidade e entusiasmo, vislumbrado nos artigos e textos escritos nos jornais, informa a maneira pela qual o Carnaval, quase sinônimo de bailes mascarados, era acolhido pela sociedade brasileira. Sobressai desses relatos o tom de deslumbramento com este festejo. Em 1851, o correspondente d’ *O Conciliador* advertia que talvez o habitante das Minas não compreendesse o “gosto” que havia em participar de uma mascarada. Mas quando alguém punha os pés em um desses “pandemônios” era acometido por um desejo desenfreado de acompanhar “o far-rancho”. Entretanto, com tão pouco tempo de existência, os bailes mascarados não possuiriam no Brasil a mesma suntuosidade que os acontecidos na Europa. Mas, cheio de esperança, acreditava este correspondente que “para lá iremos caminhando”⁹.

Embora se destaque o tom entusiástico do escritor, denuncia-se também o descompasso entre a maneira idealizada de realização do festejo, a partir de um modelo europeu considerado mais perfeito, e o que acontecia no Brasil. A cidade do Rio de Janeiro será, particularmente, grande receptora das novidades estrangeiras, da mesma forma que sua irradiadora para o restante do país. Com relação ao Carnaval, torna-se o Rio de Janeiro um centro de aprovação, adoção e difusão deste divertimento, de maneira a se constituir, no plano interno, modelo a ser imitado no que diz respeito às novas maneiras de festejar. Entretanto, “quanto mais afastado da Corte ou isolado em termos de meios de comunicação era um centro urbano”, mais tardiamente chegavam as influências europeias e por mais tempo “reinavam” os divertimentos de Entrudo (VON SIMSON, 1984, p. 35).

Em São Paulo, por exemplo, os novos festejos começam a ser realizados nas décadas de sessenta e setenta no Vale do Paraíba — região limiar com o Rio de Janeiro — com a fundação de associações carnavalescas, organização de préstitos e passeatas, irradiando-se por outras regiões paulistas¹⁰. Também outras cidades brasileiras, entre os anos setenta e oitenta desse século, como Salvador e Recife, passaram por transformações semelhantes na forma de se divertir nos três dias antes da Quaresma. Mas nestas duas cidades, a presença de elementos culturais afro-brasileiros vão progressivamente ganhando destaque¹¹.

Em Minas Gerais, a introdução da palavra Carnaval, e de uma nova maneira de brincar os três dias antes da Quaresma, indicativo de um movimento

9 *O Conciliador*. Ouro Preto, n. 191, ano 3, segunda-feira, 21 mar 1851, p.1. (Grifos meus)

10 *Ibidem*, p.39 e ss.

11 Sobre as mudanças ocorridas nos festejos carnavalescos nestas regiões nas últimas décadas do século XIX e o início do século XX, ver: FRY, Peter et al. (1988); VIEIRA F^o (1997); ARAUJO (1997).

em marcha de substituição do Entrudo, pode ser datado com razoável precisão. A década de cinquenta do século passado, com destaque para o ano de 1857, pode ser considerada importante na inauguração dos festejos de Carnaval entre a sociedade mineira. Não significava, entretanto, que todas as cidades mineiras tenham introduzido o Carnaval como forma de brincar neste ano. E 1857 pode ser pensado um marco, a partir do qual ocorre um movimento de difusão da ideia e a adoção do Carnaval no decurso da segunda metade do século.

O jornal *Correio Oficial de Minas* afirmava, neste sentido, que seu objetivo, ao dar “publicidade” aos divertimentos carnavalescos em 1860, era com a expectativa de que outras localidades da Província de Minas Gerais, seguindo o “nobre exemplo que desde de 1857 lhes tem dado Ouro Preto”, “abulam de uma vez para sempre o bárbaro entrudo”¹². E 1857 seria também o ano em que aparece pela primeira vez o Carnaval em São João D’el Rei “a querer disputar o império ao entrudo”. Em vez de jogar limões de cheiro, um grupo de pessoas havia se reunido para brincar, neste ano, formando “um bando, saindo mascarados em carros e carroças a distribuir flores e confeitos”. Nos primeiros anos das novidades carnavalescas, entre os anos de 1861-1864, “épocas gloriosas do Carnaval em São João D’el Rei”, é possível dizer “que ninguém se eximiu do contágio da febre delirante por esses folguedos”. Entusiasmados com o novo divertimento, todos “caprichavam em apresentar-se vestidos no vigor do luxo e outros na exibição de grotescos tipos interessantes”¹³.

“Abolido o entrudo, tal fatal a tanta gente”, inauguraram-se “na leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro os folguedos carnavalescos, conhecidos sob o nome de mascaradas, imitação do que em épocas passadas faziam com tanto brilho”¹⁴ italianos e franceses. No entanto, apesar do tom de aprovação e entusiasmo com relação ao Carnaval, reclamava o Minas Geraes, em 1863, que neste ano “ao que parece, não temos carnaval, nem um indício vemos de que esse tão interessante divertimento introduzido entre nós para desterrar o entrudo se realize”¹⁵. A partir da década de cinquenta do século XIX, comemorou-se a “morte” do Entrudo, mas ele persistiu. Centenas de limões de cheiro jogados pelas pessoas nas cidades mineiras e, na ausência destes, “água pura em abundância” são prova de que o “velho, grosseiro e selvagem entrudo” agonizava e, mesmo “condenado pela civilização”, punha “as mangas de fora, provando que não morreu, como muita gente supunha”¹⁶.

Artigos de jornais, crônicas, editais, circulares da polícia noticiavam atitudes e enunciavam os discursos de contestação ao Entrudo. Invertidamente, como um espelho, isto informa acerca da dificuldade do estabelecimento e da legitimação

12 Comunicado. *Correio Oficial de Minas*. Ouro Preto, n. 323, ano IV, quinta-feira, 25 fev 1860, p.4.

13 *Folhetim*. Renascença. São João D’el Rei, n. 7, ano I, 15 fev 1890, pp.2-3.

14 Variedade. *Diário de Minas*. Ouro Preto, n. 19, ano I, 22 fev 1873, p.1.

15 Notícias Diversas. *Minas Geraes*. Ouro Preto, n. 193, ano III, 11 fev 1863, p.2.

16 Gazetilha. *A Província de Minas*. Ouro Preto, n. 514, ano VIII, 17 fev 1888, p. 1 e n 573, ano IX, 07 mar 1889, p.1.

pela sociedade dos festejos de Carnaval. Dez anos após a introdução do Carnaval em Minas Gerais, alguém, sob o pseudônimo de “O Veterano”, perguntava ao redator do *Diario de Minas*: “Para onde vamos, sr. Redator? Há anos encetamos o carnaval auxiliado pelo governo, e pela polícia, tínhamos boas corridas e ótimo baile mascarado no teatro”, porém continua ele, “para a capital [Ouro Preto] voltou o desprezado da civilização, o grosseiro e brutal entrudo”¹⁷.

A presença do Entrudo, a despeito dos “epítetos de bárbaro e inconveniente”¹⁸, era denunciava por pequenos detalhes. Nesse sentido, é precioso o “deslize” cometido por quem escreveu as “Páginas menores do *Correio Mercantil*”, transcrito pelo jornal *Correio Oficial de Minas*, dando conta dos “belos e magníficos festejos que tiveram lugar no Rio de Janeiro”, em particular os bailes de fantasia dados pelas sociedades União Veneziane e Summidades carnavalescas na “noite de Sábado de entrudo”¹⁹.

Em 1883 e 1885, o periódico *A Provincia de Minas*²⁰, sob o título de “Entrudo e Carnaval” ou “Carnaval e Entrudo”, registrava a ocorrência dos dois festejos na capital da Província, mas em paróquias diferentes. Na de Ouro Preto, predominava o velho Entrudo e na de Antônio Dias, Carnaval. Entrudo começado “nada menos que três semanas antes dos três dias consagrados”. Os amigos do velho festejo divertiram-se “a valer”, consumindo “dezenas de milhares” de limões de cheiro, da mesma forma que bisnagas, “de aplicação mais *delicada* e *menos perigosa* em suas conseqüências”. Quanto ao Carnaval, como em outros anos, foi “festa feita quase de improviso”²¹.

O Carnaval, recebido com entusiasmo e aplaudido por parte da sociedade, não se estabelece plenamente desde o início e se mantém em competição com o antigo costume do Entrudo, ainda muito arraigado à cultura. Durante boa parte da segunda metade do século XIX, o Carnaval sofreu a concorrência do antigo divertimento, sendo com frequência preterido por grande parte da população, que preferia divertir-se jogando Entrudo. Em Campanha, anunciava o *Colombo*, o “carnaval está morto [...] O que este ano se viu, não passou de uma ridícula mascarada”. Não fossem “poucos moços distintos” que se esforçavam por lembrar o “antigo bom tempo”, andou pelas ruas “uma *população* desenfreada, cujo menor defeito era a falta absoluta de polidez e civilidade”²².

Grande esforço era despendido por diferente setores, para que a sociedade como um todo adotasse o Carnaval como maneira de diversão antes da Quarta-feira de cinzas. Entretanto, “o antigo entrudo a molho de água e laranjinhas

17 A Pedido. *Diario de Minas*. Ouro Preto, n. 186, ano I, quinta-feira, 21 fev 1867, p.3.

18 A Pedido. *Diario de Minas*. Ouro Preto, n. 403, ano II, Sábado, 18/01/1868, p.2

19 Noticias Diversas. *Correio Oficial de Minas*. Ouro Preto, n. 116, ano II, segunda-feira, 01 mar 1858, p.4. (Grifos meus)

20 *A Provincia de Minas*. Ouro Preto, n. 138, ano III, 08 fev 1883, p.1; n.158, ano V, 08 fev 1885, p.1 e n. 248, 19 fev 1885, p.2.

21 Gazetilha. *A Provincia de Minas*. Ouro Preto, n. 248, ano V, 19 fev 1885, p.2. (Grifos meus).

22 Noticiario. *Colombo*. Campanha, n. 9, ano I, 02 mar 1873, p.4. (Grifos meus)

de cheiro”, ressurgia sempre, mesmo proibido por lei ou quando declarado morto. Era, na realidade, mantido vivo mesmo por quem supunha combatê-lo. Apesar de supostamente coisa proibida e prejudicial à saúde, o Colombo informava à população de Campanha que se mantivesse tranquila “quanto à legalidade e inocuidade” do Entrudo, pois soube que da “casa do sr. Delegado partiu a iniciativa na fabricação das [...] laranjinhas”²³.

E, até mesmo na capital da Província, apesar da “propaganda” de que ocorreria Carnaval em toda a cidade, não deixavam de existir os “emperrados adeptos do entrudo e até *autoridades policiais*” que teimavam em “contrariar a *vontade popular*, com uma pertinência imprudente, porque obstavam aos que, com razão preferem o Carnaval, de nele tomar parte”²⁴. Não obstante o tom generalizante e o apelo a uma “vontade popular”, o desagrado, com relação à persistência da população em continuar a fazer uso do Entrudo, diz respeito a determinados grupos da sociedade, particularmente, elites política e intelectual e setores da imprensa, para os quais se tornava importante combater esta festividade e instituir outra.

Chama atenção, então, o fato de que, apesar da existência de uma legislação proibitiva do Entrudo, a sociedade não se submetia a ela e, fazendo uso de procedimentos populares “minúsculos e cotidianos”, jogava com os mecanismos da disciplina e não se conformava com ela a não ser para alterá-los” (CERTEAU, 1999, p. 41), construindo, em contrapartida, uma outra forma de apropriação do festejo. Neste sentido, a persistência e a continuidade em se brincar o Entrudo são indicativos de uma prática cultural que articula conflitos, desenvolve elementos de tensão, e não raro de violência, legítima ou desloca e subverte a ordem dominante sem negá-la diretamente.

A permanência e a persistência em se jogar Entrudo sinalizam para o descompasso entre “os projetos europeus das elites” (SCHWARCZ, 1998, p. 281) e sua transformação como práticas cotidianas pelos diferentes grupos sociais da sociedade imperial. Verdadeiro esforço era necessário para o estabelecimento dos festejos “tão apreciados pelos antigos Romanos” e pelos “habitantes de Veneza”. O Carnaval é “o substituto do bárbaro, desumano e abominável entrudo”, que todas as pessoas civilizadas “devem detestar pelas más consequências que traz”. E a colaboração nos preparativos da festa e a participação nestes revelam-se “inconcussa prova de adesão às festas civilizadoras”²⁵.

Parecem ocorrer dois movimentos, contraditórios entre si, mas tradução de um mesmo momento. Tornava-se importante e necessário, embora difuso ainda, delimitar, marcar, registrar a diferença entre os segmentos sociais. O uso de popular/população para referir-se a grupos de pessoas posicionadas em escala descendente na hierarquia social, indica o desenvolvimento de identidade de grupos e compartilhamento de experiências pelo estabelecimento de diferenças. E, por outro

23 Noticiário. *Colombo*. Campanha, n. 9, ano I, 02 mar 1873, p.4. (Grifos meus)

24 *O Diabinho*. Ouro Preto, n. 7, ano III, 27 mar 1886, pp.1-2.

25 A Pedido. *Diário de Minas*. Ouro Preto, n. 202, ano I, 07 fev 1874, p.3.

lado, era necessário que o Carnaval se tornasse popular, um festejo abrangente do qual toda a sociedade, sem distinção, compartilhasse. Condição *sine qua non* para a realização dos projetos políticos civilizacionais da elite e única forma para que o Entrudo entrasse em desuso. Não significa que estes projetos fossem adotados em sua completude. Eram, na realidade, alterados, incorporados em parte, burlados.

Em 1847, quando da inauguração dos bailes mascarados, já se indagava Martins Pena: serão “os bailes mascarados capazes de substituir o entrudo e fazê-lo desaparecer dos nossos costumes?” Para ele não constituía tarefa “fácil extinguir com ordens de jornais e algumas patrulhas usos arraigados entre o povo por espaço de anos”. Registrava também que, antes das proibições, a população jogava o Entrudo com toda liberdade pelas ruas e praças públicas e que, portanto, o único meio de o povo esquecer-se “da água e do polvilho” somente aconteceria quando se substituísse um divertimento popular, o Entrudo, por outro mais popular, os bailes e danças mascaradas.

A ação civilizadora era responsabilidade das Câmaras Municipais que, auxiliadas pela polícia, deviam coibir “pelos meios enérgicos estabelecidos em suas posturas” a menor manifestação “em favor do entrudo”, a fim de que não fossem “frustrados os festejos carnavalescos”, alçados à condição de divertimento admitido na “civilização dos povos cultos”. Sendo civilizado somente poderia ser promovido por “alguns cavalheiros” desejosos de expressar “protesto contra o bárbaro brinquedo do entrudo, que, além de ser fonte de desordens e conflitos desagradáveis, é também prejudicial à saúde de todos”²⁶.

Apesar do tom empolgado com que era recebido, o Carnaval, arauto da civilização, não deixou de receber críticas. Mesmo os mais empolgados e convictos adeptos dos novos festejos apontavam as desvantagens do Carnaval. Feito isto, salientavam, em contrapartida, as vantagens do Entrudo em época de franco combate. Em 1851, o correspondente de *O Conciliador* no Rio de Janeiro, que havia anunciado a morte do “mimoso limão de cheiro”, não obstante se declarar “partidista acérrimo dos bailes mascarados”, concorda em certa medida com a “opinião que se vai formando entre alguns cariocas da gema, que preferem o nosso entrudo de limões de cheiro às mascaradas europeias”. Primeiro, porque “loucura por loucura”, o Entrudo não expunha “um homem sério a ouvir arrieiradas, as chufas e insolências de qualquer mequetrefe”. Depois, porque “não expõe a família honesta ao contato da crápula e da prostituição”²⁷.

Sugere Olga Rodrigues Von Simson que nos bailes mascarados ocorridos em teatros, hotéis e salões, destacavam-se as atrizes e “mulheres mundanas”. Elas seriam uma espécie de “professoras” dos novos folguedos. O novo modelo de festa estabelecia uma moral e pudor com relação ao contato físico. Se no Entrudo era permissível uma mulher molhada com roupa pregada ao corpo, o Carnaval, à medida em que se desenvolvia, postulava novas condutas e estabelecia uma sensi-

26 Noticiário. *Liberal Mineiro*. Ouro Preto, n. 15, ano IX, 20 fev 1886, p.2.

27 *O Conciliador*. Ouro Preto, n. 191, ano 3, segunda-feira, 21 mar 1851, p.1.

bilidade considerada mais adequada à etiqueta do “bom tom”, procurava disciplinar a sexualidade e demonstrava uma grande preocupação com a moral. Portanto, as condutas e atitudes das mulheres, que antes haviam sido toleradas, tornavam-se progressivamente inadmissíveis.

As famílias compareciam aos bailes que eram oferecidos, porém não participavam e permaneciam nos camarotes, assistindo às “danças ousadas” das quais tomavam parte os homens, bailando com as artistas de teatro ou as mulheres que podiam desfrutar destes divertimentos (VON SIMSON, 1984, p. 35). Para que as “mocinhas de famílias” pudessem participar dos festejos não apenas como espectadoras nos teatros, em 1855, José de Alencar havia se comprometido a interceder por elas junto aos diretores do Cassino para organizar um baile de máscaras, do qual elas pudessem fazer parte (MORAIS, 1958, p. 33).

Isto remete a duas questões sobre os festejos carnavalescos. Por um lado, o rompimento com as práticas do Entrudo representava adotar outras formas de comportamento e construir novos padrões de referência. Especialmente no século XIX vão sendo definidas mudanças nas atitudes e nas relações entre os sexos, tendendo a um progressivo sentimento de vergonha. Evidencia-se uma preocupação com a necessidade de “inculcar recato” nos comportamentos que envolviam homens e mulheres, sobretudo uma tendência a manter a sexualidade afastada da vida social²⁸. A passagem da “barbárie” à “civilização” constituía “verdadeira empresa da *ortopedia social*”, apoiava-se na submissão do corpo “como requisito prévio e indispensável para alcançar a disciplina da alma. Ordem, método, recato e gravidade foram os valores invariavelmente contrapostos à liberdade dos movimentos, à exuberância corporal, às maneiras descompostas [...]” (ALFARO, 1999, p. 40-42; tradução livre). Por outro lado, o desenrolar da festa define distinções entre “espectadores” e “atores”. Como alerta Maria Isaura Pereira de Queiroz, o comportamento das pessoas reunidas no espaço e no tempo carnavalesco é diferenciado em função dos papéis que exercem (QUEROZ, 1994). Desta forma, a reflexão sobre os folguedos carnavalescos deve também considerar a dinâmica que envolve as ações das pessoas durante a festa.

O aspecto moral [ou sua “imoralidade”] torna-se, portanto, uma forte argumentação contra o Carnaval. De todas as datas festivas do ano, o Carnaval é uma das que mais proporcionam diversão às pessoas. No entanto, adverte *O Diluculo*, quando deixa de ser uma diversão inocente, “deve ser riscado da lista de divertimentos públicos, deve ser condenado como prejudicial e banido como exótico”. Se as batalhas com limões de cheiro são condenadas e proibidas por serem perigosas à saúde, podendo causar “enfermidades e até mortes repentinas, males estes físicos”, porque não são proibidas as danças indecentes “que, em plena rua, ao clarão das luzes, em presença de centenas de famílias” são apresentadas por

28 Ver: ELIAS, Norbert (1994) Em particular, a Segunda Parte, o capítulo *Mudanças de atitudes nas relações entre os sexos*.

“muitos mascarados” que afrontam “a moral pública”²⁹.

Além dos discursos morais, havia também os discursos médico-racionalizadores, muito ao gosto da época. Se muitos argumentam ser o Entrudo prejudicial à saúde, “se um limão de cheiro pode trazer uma constipação quando a imprudência o atira em quem vai suado”, o que não pode acontecer ao se “sair dos teatros, com o corpo afogueado pelo exercício violento, pela roupa de máscara, e pelo ar carbonizado por tantas luzes, por tantos milheiros de respirações”.

Porém, argumento forte e contundente é, sem dúvida, o econômico. Nesse aspecto, diz o nosso correspondente d’ *O Conciliador*,

Calcule o meu amigo em trinta contos de réis o que gastarão entre si as seis mil pessoas que foram aos bailes mascarados, e não será exagerado: ora essa quantia enorme ficou em mãos de algum empresário mais ou menos opulento e favorecido, e de meia dúzia de músicos franceses, de alfaiates e *cortumiers* (vestimenteiros) franceses: com os limões de cera dividir-se-ia essa quantia, supondo que fosse gasta, com um sem número de famílias pobres, nossas patrícias que eram as que se davam a essa pequena indústria³⁰.

Diferentemente do que parecia ser a regra geral em afirmar a substituição do Entrudo pelo Carnaval, *A Patria Mineira*, jornal da cidade de São João del Rey, noticiando o fracasso dos festejos, afirmava que “felizmente o carnaval está saindo de moda”³¹. Mas enganou-se. Foi um processo permeado por marchas e contramarchas e pela tensão entre permanecer e mudar, é verdade, mas “a paulatina desapareção da festa bárbara — demasiado paulatina e imperfeita para as aspirações do disciplinamento” (ALFARO, 1999, p. 17; tradução livre) — marca decisivamente a “transição modernizadora”, o declínio e transformações de antigas práticas festivas/culturais e a emergência e consolidação de “outra” festa.

A partir da segunda metade do século XIX, procurou-se construir uma imagem para os festejos carnavalescos sustentados pela recorrência a tradições europeias que, uma vez adotadas, desvinculariam do Brasil as imagens de atraso, falta de progresso material e cultural que frequentemente lhe eram atribuídos. Recorria-se à ideia de “um carnaval mítico de linhagem europeia mais nobre e cultivada” (CUNHA, 1999, p. 3) como recurso capaz de abolir as brincadeiras de Entrudo, estabelecer o Carnaval e auxiliar o projeto “civilizatório”.

A suposta adoção de costumes carnavalescos europeus parecia cumprir um duplo objetivo: inseria a sociedade brasileira na cultura europeia, não portuguesa, e na civilização ocidental. Por outro lado, enunciava-se como um elemento a mais na construção de uma sociedade/cultura civilizada e moderna.

A partir da década de noventa do século XIX, embora com aparições e

29 *O Diluculo*. Ouro Preto, n. 20, ano I, 20 mar 1897, p.4.

30 *O Conciliador*. Ouro Preto, n. 191, ano 3, segunda-feira, 21 mar 1851, p.1.

31 *A Patria Mineira*. São João del Rey, n. 189, ano IV, 16 fev 1893, p.2.

combates ao Entrudo, a preponderância será do Carnaval, atesta-o o espaço cedido nos jornais para sua divulgação e informativos sobre a festa, bem como o entusiasmo com os novos “instrumentos” para o folguedo. O Entrudo passa a ser visto com mais frequência, a partir da última década do século, como coisa do passado, indicativo da sobreposição da imagem do Carnaval sobre a do Entrudo. Progressivamente, o Carnaval torna-se um festejo tão popular quanto o Entrudo, difundido por toda a sociedade brasileira que dele se apropriava de formas diferentes, e, frequentemente, de outra maneira que a desejada por seus idealizadores.

No final do século XIX, a despeito das ambigüidades dos discursos e das contradições dos próprios participantes, é impossível não perceber o tom de deslumbramento sobre o Carnaval. A iluminação a giorno, a luz elétrica, a movimentação das pessoas, as máscaras, os desfiles, as alegorias, a ornamentação das ruas, tudo produzia seu encantamento. A esse respeito comentava o *Minas Geraes*:

O aspecto das ruas era brilhante à noite; [...] a iluminação a giorno, em notável profusão, produziu um aspecto verdadeiramente deslumbrante, pela multiplicidade de formas e cores variadas das lanternas venezianas que embelezaram as casas. Com a luz artificial os enfeites e as serpentinas que trançavam caprichosamente, ligando um lado ao outro da rua, sobressaíam muito³².

A riqueza da cultura e dos festejos, em particular, é que eles não se deixam reduzir a fórmulas unificadoras e racionalizadas e somente ganham expressividade quando se procura acompanhar o movimento, as falas, as fissuras, os sentidos e significados de mundo, de coletividade e de solidariedade, as diferenças criadas pela própria sociedade em seu fazer, “autofazer”, cotidiano que implica ganhos, perdas, projeções, disputas, defesas. Neste sentido, concluir que o Carnaval se torna um divertimento popular, isto é, experiência social e cultural compartilhada pela sociedade mineira no final do século XIX, não significa restringir o festejo a uma possível homogeneidade. Sob a utilização de um nome comum, pelo uso de referenciais e estruturas compartilhados, revela-se uma multiplicidade de discursos, projetos, modos e formas de consumo e apropriação deste repertório cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças Populares – Festejos de Entrudo e de Carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2008.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem Privada no Império. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). *A História da Vida Privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ALFARO, Milita. *Carnaval: Una historia social de Montevideo desde la perspectiva de la fiesta*. 2.ª parte: Carnaval y Modernización: impulso y freno del disciplinamiento (1873-1904). Uruguay: Ediciones Trilce, 1994.

32 Noticiário. *Minas Geraes*. Ouro Preto, n. 58, ano VI, terça-feira, 02 mar 1897, p.7.

- ARAUJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Carnaval do Recife; a alegria guerreira. Estudos Avançados*, v. 11, n.º 29, São Paulo: USP, 1997.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar — a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano — Artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1988.
- EDMUNDO, Luiz. *Recordações do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1953.
- ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador — Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994
- FRY, P. et al. Negros e brancos no carnaval da Velha República. In: REIS, João José (Org.) *Escravidão e a invenção da liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTINS PENA. *Folhetins*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1965.
- MORAIS, Eneida de. *História do Carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *A ordem carnavalesca*. *Tempo Social — Revista de Sociologia/USP*, n.º 6, 1994.
- RANGEL, José. *Como o tempo passa.... Aspectos, fatos, figuras e costumes antigos e contemporâneos*. Rio de Janeiro: A Encadernadora, s/d.
- REIS FILHO, Adolfo de Morales dos. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1946.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador — D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. (Org.). *A História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VALENÇA, Rachel. *Carnaval: para tudo se acabar na Quarta- feira*. Rio de Janeiro: Delumá-Dumará, 1996.
- VIEIRA F.º, Raphael Rodrigues. Diversidade no carnaval de Salvador — as manifestações afro-brasileiras (1876-1930). *Projeto História*, n.º 14, São Paulo, fev. 1997.
- VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. *A Burguesia se diverte no Reinado de Momo — Sessenta anos de evolução do Carnaval na Cidade de São Paulo (1855-1915)*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia. São Paulo: USP/FFLCH, 1984.